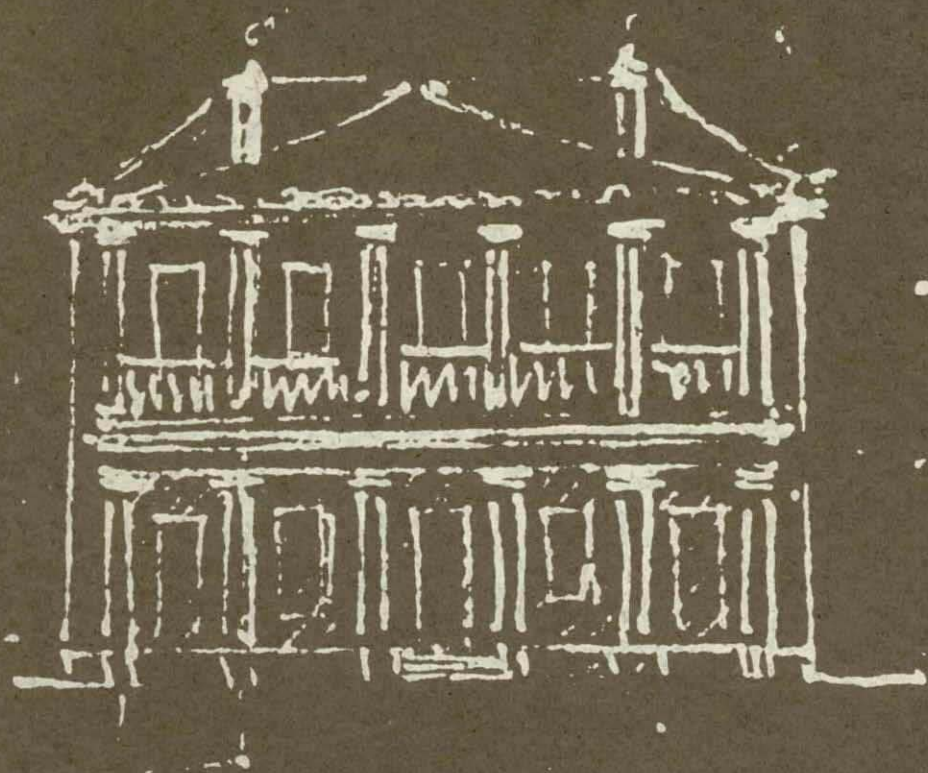


A Morada Carioca

GrandJean de Montigny e o Solar da Gávea

maison de la chapelle

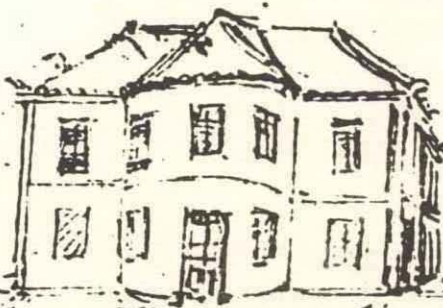


facade

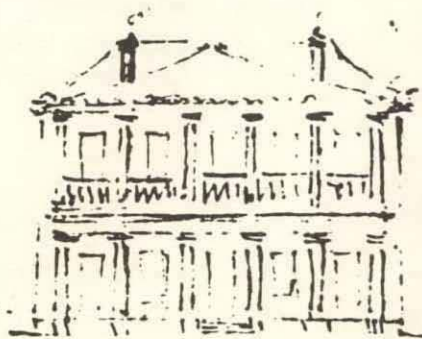
A Morada Carioca

GrandJean de Montigny e o Solar da Gávea

maison de la chacara



rua do jardim



facada

Realização

S O L A R
G R A N D J E A N
D E M O N T I G N Y

CENTRO CULTURAL DA PUC-RIO

De 14 de maio a 20 de junho de 1992

LOUIS SYMPHORIEN MEUNIE
Desenho da Casa de Grandjean de Montigny
(caderno de viagem - séc. XIX)

Belar
6/11

PUC-RIO

Sumário

O Solar GrandJean de Montigny na Gávea Pag. 5
intenções de uma exposição
Irma Arestizabal

O Solar GrandJean de Montigny na Gávea Pag. 13
Nos Desenhos de Louis Synphorien Meunié
arquitetura e modo de vida
Margareth Pereira

Bibliografia Seleccionada Pag. 37
Piedade Epstein Grinberg

Elenco dos Originais Expostos Pag. 45

O Solar GrandJean de Montigny na Gávea

intenções de uma exposição

Irma Arestizabal

«Não acredito que os bárbaros tenham-se preocupado em destruir todos os grandes edifícios espalhados pelo mundo romano. A idéia de conservá-los é que nunca passou por suas cabeças.»

Keneth Clark

Há quase doze anos da exposição intitulada «Uma Cidade em questão I: GrandJean de Montigny e o Rio de Janeiro» com a qual inauguramos o Solar, recém restaurado como Centro Cultural da PUC/RIO, voltamos a focalizar a atividade do arquiteto francês no Rio de Janeiro. No estudo atual, em vez de nos determos na reflexão da questão urbana e da importação de modelos culturais, nos concentramos nas modificações introduzidas pela Missão Francesa na moradia carioca, e sobretudo, no tipo de residência que os franceses trouxeram e adaptaram aos trópicos, com especial atenção à residência que GrandJean de Montigny construiu para si e para a sua família: o Solar na Gávea.

Uma das formas de leitura da exposição poderá ser feita partindo do entorno até chegar às residências e uma visão da vida que nelas se desenvolvia.

O primeiro diálogo se estabelece com as vistas da cidade de Bertichen e Planitz onde se entrevêem os edifícios neoclássicos, como o Mercado de Peixe, espécie de decor monumental do cais; o edifício da Praça do Comércio (primeira Bolsa do Rio de Janeiro, depois Alfândega, Tribunal do Juri e hoje Casa França-Brasil) que se destaca pela rigorosa articulação dos seus volumes; a Academia de Belas Artes; a casa de José Oliveira Barbosa (futuro Visconde do Rio Comprido); todos destacando-se da orgânica malha urbana colonial e da própria paisagem.

Em seguida o espectador encontra os projetos realizados por GrandJean de Montigny para palácios, avenidas e equipamento urbano.

Mostrando os projetos das obras idealizadas e construídas por GrandJean de Montigny para o Rio de Janeiro compreendemos os objetivos dos franceses, em contraposição aos princípios dos portugueses que chefiavam a Escola de Belas Artes até a sua chegada (1). A principal finalidade era a de orientar o desenvolvimento arquitetônico e urbanístico da cidade «barroca», de indiscutível marca portuguesa, para convertê-la em monumental capital.

O símbolo deste desejo é, sem dúvida, «a história interminável da abertura da pracinha semicircular em frente ao palácio da Academia, e da rua transversal até o largo do Rocio, que deviam permitir a digna inserção do «Momumento» de GrandJean de Montigny na paisagem urbana, realizando dessa maneira a sua desejada tarefa na vida cultural da cidade.

Prevista desde a época da construção do palácio da Academia (da necessidade da sua abertura se fala numa carta ao «Espelho Diamantino» em 1828), a rua foi enfim aberta em 1846 e a pracinha praticamente acabada em 1848. Nestes mesmos anos, uma chuva de encomendas de projetos importantíssimos para o monumento comemorativo da chegada da Imperatriz Teresa Cristina a Praça Municipal (1844); para a regularização e ornamentação da mesma praça (1844-45); para os chafarizes da praça de Benfica e da rua São Clemente (1846); para um Palácio Imperial e um Palácio de Senado (1847); para o chafariz do Rocio Pequeno (1848) e enfim para «as edificações das praças da Aclamação, Constituição, S. Francisco de Paula e Rocio da Cidade Nova» (1849) - parecem coroar os esforços de Taunay e GrandJean e consagrar o triunfo do neoclassicismo na arquitetura da cidade. « (2)

Podemos agrupar seus projetos que, concernem a três bairros diferentes, de maneira coerente.

O primeiro grupo está vinculado a estudos para a construção de um novo palácio imperial para D. Pedro I onde propõe a construção de uma avenida imperial e duas praças.

O segundo projeto, muito ambicioso, talvez o mais elaborado, foi concebido igualmente no reinado de D. Pedro I, em 1827.

Tratava-se de construir no Campo de Santana uma praça à francesa chamada Campo da Aclimação, em torno da qual se organizaria o novo bairro da Cidade Nova.

Em 1848, no reino de D. Pedro II, GrandJean de Montigny retomou o projeto do palácio imperial...

Mas nesta época não se pensava mais em remodelar o centro da cidade.

O grande número de projetos para edifícios públicos indicam que, sob a monarquia vitoriana e burguesa de D. Pedro II, o culto do soberano deu lugar a preocupações de ordem cívica. GrandJean faz então planos para uma biblioteca pública, uma prefeitura, um palácio para o Tesouro, um palácio para o Corpo Legislativo, outro para o Senado...(3)

Os monumentos dialogarão, depois, com as pequenas aquarelas de

residências e ruas. Defrontando-nos com as obras em que Debret nos «fala» da cidade, que nos interessa neste momento específico, poderemos ver os lugares que os franceses escolhiam para viver, o tipo de residência que construíam para si e como estas eram decoradas como vemos na Casa do Catete e no atelier de Debret.

Com a observação de exemplos de construções nativas, como as fazendas do Capão do Bispo, do Engenho de Colubandée e do Engenho d'Água, compreenderemos as adaptações realizadas e as influências recebidas, assim como a utilização das técnicas nativas para a realização dos «modelos» europeus.

No espaço dedicado ao Solar serão observados: o conjunto projetos de residências de planta compacta, que GrandJean fizera na Europa dentro da linha de «Bagatelle», tão em voga a partir do século XVIII; com os exemplos das fazendas que, sem dúvida, GrandJean tinha conhecido e frequentado, assim como os seus próprios desenhos, os de Debret e os de Symphorien Meunié sobre a casa da Gávea.

No catálogo de 1979, coordenado por Giovanna Rosso Del Brenna, contávamos com um esclarecedor artigo dedicado à casa, escrito por Mário Torres†, onde o autor assinalava o desenho do Museu Nacional de Belas Artes (nº 6353, já atribuído ao Solar pelo Prof. Donato de Mello Jr. que observou que «a execução não corresponde ao estudo») como correspondente a fachada do Solar na Gávea. Agora, graças aos desenhos do Arq. Symphorien Meunié, estudados pela Prof^a. Margareth da Silva Pereira nos Archives Nationales de Paris, podemos compreender melhor o acabamento do terraço (com guarda-corpo) e o uso das salas.

Na arquitetura do Solar, que GrandJean de Montigny projeta e constrói como sua moradia, compreendemos hoje o neoclassicismo, a arquitetura espontânea, as técnicas construtivas nativas, a arquitetura autoctone e a realidade contemporânea.

Na atuação do Solar como Centro Cultural da Universidade ao fazer conviver estudos do passado que ficam assim cada vez mais contemporâneos com as práticas artísticas mais novas mostradas em exposições, publicações e documentação com acesso ao público, abrimos um caminho, que se tem mostrado muito frutífero nestes anos de atuação, no contexto cultural da cidade e para a compreensão do nosso modo de ser e de ver.

Notas:

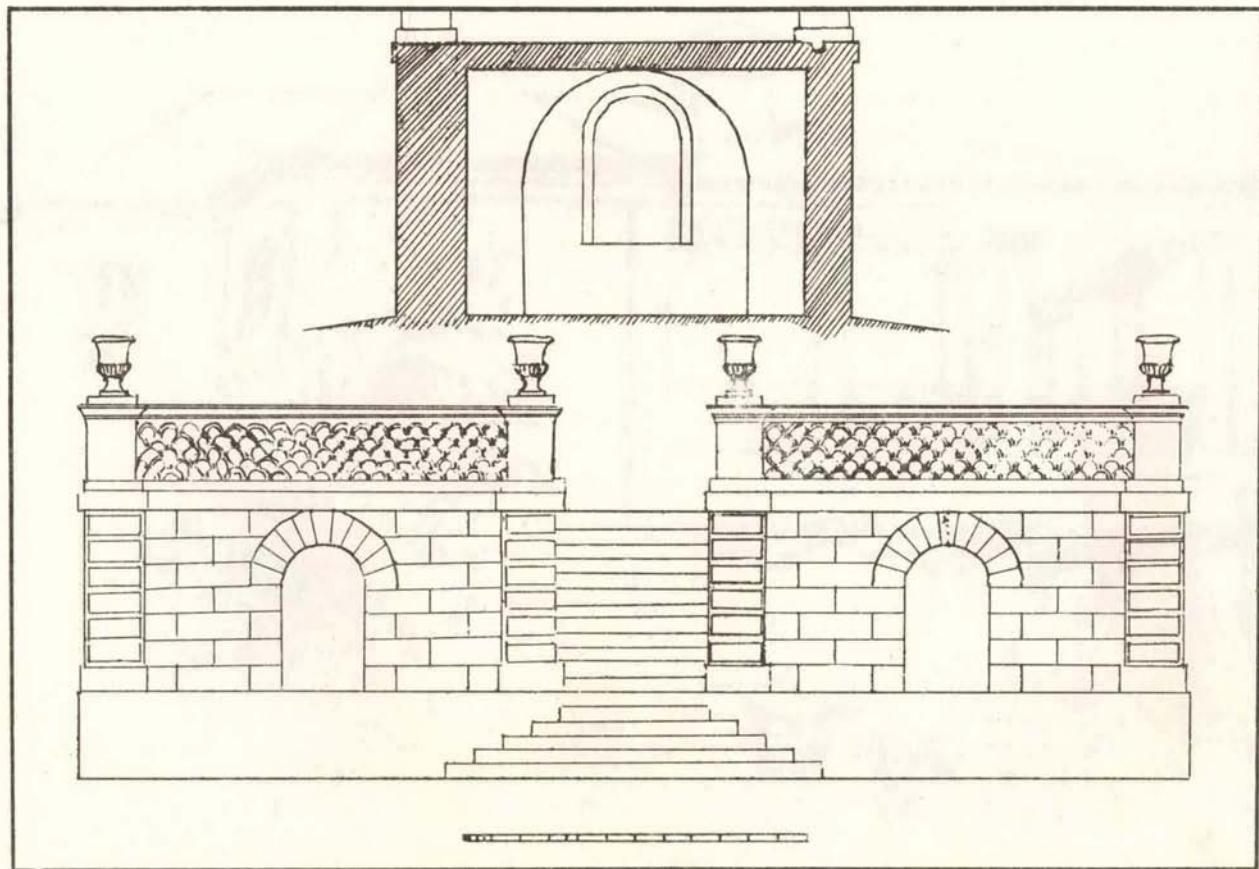
1) «Entre as duas posições, a dos intelectuais idealistas e um tanto megalomaníacos, fieis aos princípios do neoclassicismo francês, e a dos artífices locais, herdeiros do pragmatismo da tradição colonial, não existia possibilidade de relacionamento que não fosse a do desprezo e da incompreensão recíproca. Era inevitável que um dos lados ganhasse: venceram os franceses mas será uma vitória dura e frágil.»

Giovanna Rosso Del Brenna, Intenções de uma exposição, Catálogo Uma Cidade em questão I: GrandJean de Montigny e o Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, PUC/FUNARTE/Fundação Roberto Marinho, 1979.

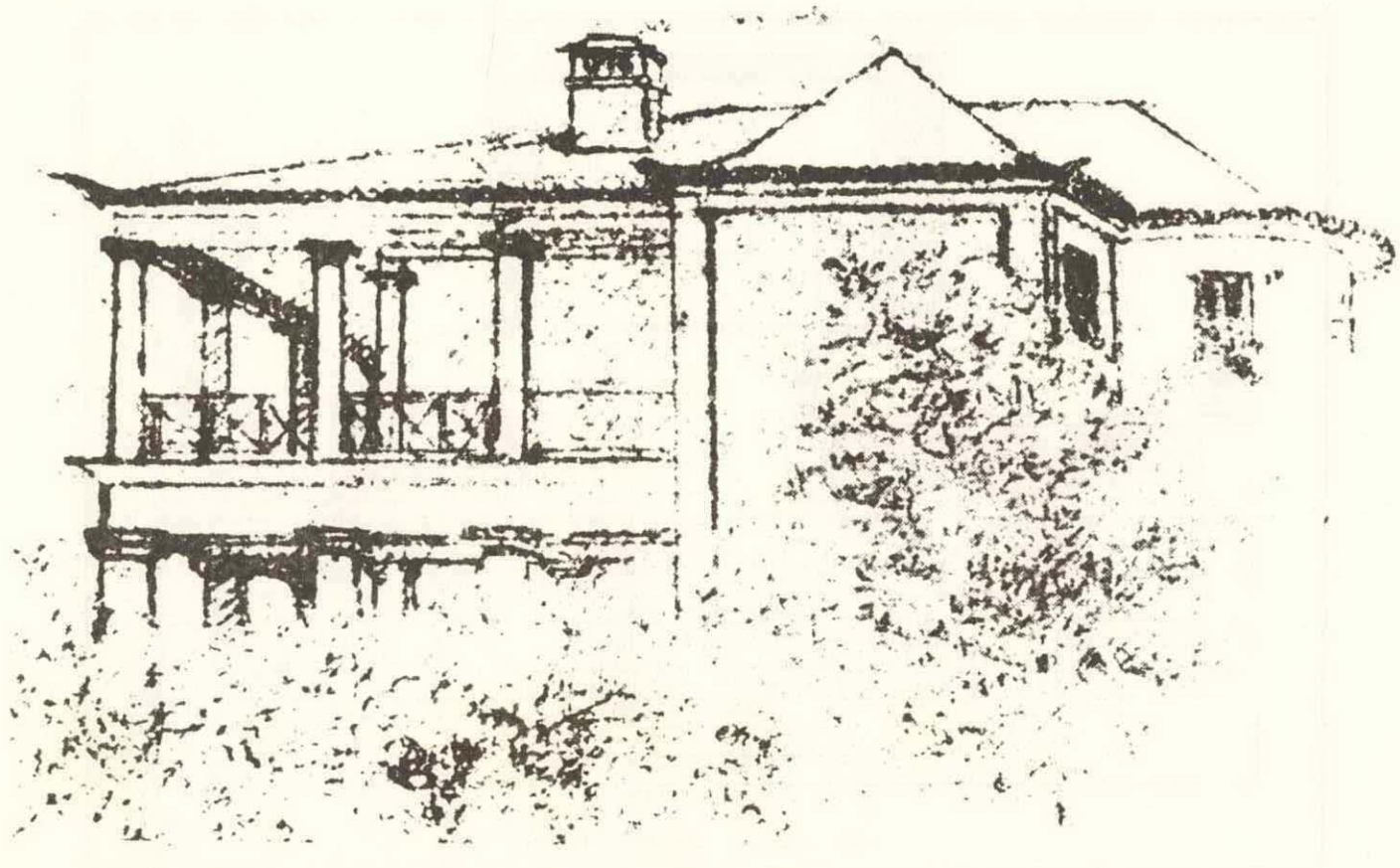
2) Giovanna Rosso Del Brenna, Op. Cit.

3) Ver Robert Coustet, GrandJean de Montigny, urbanista, Catálogo Uma Cidade em questão I, Op. Cit.

4) Para o tema da distribuição ver o artigo de Mário Torres «A Casa de GrandJean de Montigny na Gávea».



2 Grandjean de Montigny, desenho para o muro do terraço da casa da Gávea (Museu Nacional de Belas Artes, nº 6353).



Debret, Vista da Casa de Grandjean de Montigny (Museu da Chácara do Céu).

O Solar de GrandJean de Montigny na Gávea
Nos Desenhos de Louis Symphorien Meunie

arquitetura e modo de vida

Margareth Pereira

Até a invenção da fotografia, durante muitos séculos, o bloco de desenho foi um dos objetos mais importantes no cotidiano dos arquitetos. Era sobre as suas pequenas folhas que buscava-se perpetuar impressões, momentos, formas ou tipos vivenciados como algo de particular, especial, "extra-ordinário". Na verdade, detendo seu olhar sobre o que lhe parecia, agradável, engenhoso, insólito ou perturbador, o arquiteto pensava, através do desenho, a contínua operação que sempre realizava de se apropriar e re-construir o quadro material da existência dos homens.

Hoje, é graças a essa antiga tradição que podemos enriquecer também as nossas reflexões através dos desenhos deixados por um jovem arquiteto, Louis-Symphorien Meunié, sobre o Rio de Janeiro e a casa em que viveu: o solar contruído por Grandjean de Montigny na Gávea.

Até hoje, pouco se sabia sobre esse personagem que, tal como Levasseur, Bonrepos, Ovide, Level, Enout ou Roy era apenas mais um nome dentre os membros da chamada Missão Artística Francesa de 1816. A recente doação dos arquivos do arquiteto Pierre François-Léonard Fontaine aos Archives Nationales da França e um artigo apresentando parte dos documentos de Meunié sobre o Rio de Janeiro, guardados pela família, permitiram começar a retirar seu nome do esquecimento. Ambos os acervos revelaram, primeiramente, dados biográficos sobre Meunié, ligado por laços familiares e profissionais a Fontaine - na verdade, seu sogro - e ainda possibilitaram abrir novas perspectivas de pesquisa em torno da própria Missão Artística.(1)

Parisiense, nascido em 1795, Meunié era filho de um arquiteto, André-Louis Meunié. Seu avô materno, Charles-Symphorien era escultor e modelador de porcelana na manufatura de Sceaux e fundara igualmente a manufatura de Bourg-la-Reine. (2) É provável que seu avô conhecesse a família de Nicolas-Antoine e Auguste Taunay - como se sabe, membros da Missão -, cujo pai se celebrizara, no campo da porcelana, trabalhando na manufatura de Sèvres. Descendente de uma família de arquitetos e artistas é também provável que o "marchand" francês Jean-Baptiste Meunié, de quem Joachim Lebreton, o responsável pela organização da Missão, comprara inúmeros quadros destinados à Escola Real de Ciências Artes e Ofícios a ser fundada no Rio de Janeiro, fosse também seu parente.

Desde 1809, Meunié se iniciara nos estudos de arquitetura, matriculando-se nos ateliers de importantes professores da Academie des Beaux-Arts de Paris, sem contudo ganhar nenhuma distinção ou prêmio na escola. Interrompera seus estudos por volta de 1812 ou 1813 por causa do serviço militar e só em 1814 retomou suas atividades civis. Começou, então, a trabalhar com o pai visando um maior contato com os canteiros de obra e a se exercitar na técnica do gesso. Por volta de 1814, Grandjean de Montigny, de retorno de Cassel, abre um atelier em Paris, no qual Meunié se inscreve no início do ano de 1815.(3) Assim, é na qualidade de discípulo de Grandjean que o jovem estudante vem ao Rio de Janeiro, quase como mais um membro da família do arquiteto.

Dos registros deixados por Meunié sobre sua experiência brasileira constam relatos da viagem entre o porto do Havre e o Rio de Janeiro no navio Calpé feita pelo grupo em 1816 e ainda uma série de papéis avulsos, cartas e aquarelas, nem todos datados e identificados, sobre sua estadia no Brasil, durante pouco mais de 6 anos, até 1822.

De volta à França, Meunié torna-se assistente do irmão de Jean-Baptiste Debret, François, arquiteto, até seu casamento em 1827 com a filha única de Fontaine. (4) A partir de então passa a trabalhar com o sogro e já ostenta o título de arquiteto inspetor dos edifícios do Duc de Orleans. Desenvolve, pouco a pouco uma trajetória independente e prestigiosa até sua morte em 1871, mas sua carreira profissional, embora significativa, acabou por ser ofuscada pela de seus pares.

Dos documentos deixados por Meunié sobre o Brasil, talvez, sejam os dados sobre a personalidade dos artistas envolvidos na Missão o que de mais importante possa ser extraído desses velhos papéis. Cultura artística e arquitetural, sensibilidades, temperamentos e modo de vida: os registros deixados por Louis-Synphorien Meunié, devolvem-nos esses artistas enquanto homens, com seus embates, com suas dúvidas, com seus ideais e sonhos.

Ainda que de forma descontínua, desde a saída do Calpé às 3 horas num dia de janeiro de 1816 do porto do Havre, podemos acompanhar diversos episódios da vida das 32 pessoas - entre artistas famosos e seus familiares, jovens estudantes, artífices e criados - envolvidas direta ou indiretamente na aventura de se criar uma Escola de Belas-Artes no Brasil.

Palavras e imagens registram tanto brincadeiras, como o batismo de Netuno na passagem do navio pela linha dos trópicos, quanto passeios, refeições, banhos de mar ou ainda impressões da viagem. Já instalados no Brasil, aprendemos a conhecê-los melhor com as plantas das casas onde moraram sucessivamente, com as letras de canções românticas em moda no início do século XIX, vertidas para o francês, ou com o que é registrado agora, nos novos passeios a engenhos e propriedades. Podemos observar como nascem certas soluções arquitetônicas de Grandjean e até mesmo constatar que certas aquarelas, exibidas por Debret em seu livro *Voyage Pittoresque et Historique* como registros de cenas cariocas anônimas, na verdade, fazem referência a sua própria vida no Rio, ou aos seus companheiros franceses.(5)

Aparentemente, Meunié morou com Grandjean durante todo o período em que viveu no Brasil. Desenhou a casa que ocuparam no Catumbi, em seguida a residência que Grandjean alugou no Catete e por fim o solar da Gávea. A casa do Catumbi foi também aquarelada por Debret, com pequenas alterações. Pelos desenhos de Meunié, pertencentes à seus descendentes, dentre os quais consta a planta da residência, constatamos que Jean-Baptiste se alojou com a família Montigny, logo que chegaram ao Rio. A série de croquis sobre o solar faz parte da documentação que integra o acervo de Fontaine, depositado nos Archives Nationales. Esses desenhos devem ter sido enviados pelo jovem arquiteto à sua família, descrevendo a chácara da Gávea, tal como já havia feito antes a respeito das duas outras residências em que morara no Rio. A série se compõe de seis pequenas folhas contendo desenhos e descrições da chácara, sua localização, os jardins e a casa propriamente dita.

Um croquis avulso, que parece se relacionar com estudos do projeto do solar, bem como um corte da varanda, mostrando as suas colunas cotadas, podem ser de autoria de Grandjean.

Nas residências da família Montigny, Meunié registrou com minúcia as atividades realizadas em cada cômodo, localizou móveis e até designou nominalmente os ocupantes de cada aposento. Buscou aproximar os espaços das casas e certos hábitos que era «forçado» a adotar no Brasil da arquitetura e do modo de vida frances, mas também sublinhou as especificidades locais.

Pelos seus desenhos sabemos que Grandjean veio para o Brasil acompanhado da mulher e teve quatro filhas. Dois discípulos - Levavasseur e o próprio Meunié - e mais uma criada acompanhavam também a família.

A casa da Gávea ainda estava em obras em 1822, data provável dos desenhos de Meunié, anotada à margem de uma das folhas de desenho. A região à época era ainda pouco habitada e a propriedade, situada no então chamado caminho da Tijuca, era cercada por montanhas, riachos e plantações.

Pelas encostas estendiam-se os cafezais e mandiocais. Na várzea, em boa parte alagadiça, cresciam o arroz e o milho e nas partes mais altas, as laranjas e os abacaxis. Foi justamente nas terras mais altas que Grandjean fez construir sua residência, nas proximidades do local onde já existia uma antiga casa.

Ali, primeiramente, o arquiteto elevou e aplainou o terreno, construindo um "platô" para poder dispor de mais espaço plano numa cota elevada, livre das enchentes e enxurradas. Alteando o terreno podia-se também desfrutar melhor da vista da lagoa de Rodrigo de Freitas, situada, praticamente, a pouco mais de uma centena de metros da propriedade. A localização da residência em relação a Lagoa, privilegiando a vista em sua direção e mais ao longe o Atlântico, é facilmente constatável tanto na planta geral de situação feita por Meunié, como na própria posição das varandas da casa e até mesmo na disposição de dois móveis tipo "marquesa" aí colocados, lado a lado, como um convite à contemplação daquelas águas tranquilas.

Mas Grandjean não se contentou apenas com a beleza da paisagem natural. A planta de Meunié do entorno da residência deixa ver o esboço de um jardim de composição, predominantemente, à inglesa, onde algumas alamedas retilíneas, organizam, entretanto, o percurso do visitante em direção à casa.

Arvores frutíferas tropicais e espécies exóticas ornamentavam os caminhos: laranjas e abacaxis se alternavam com pés de café e grandes nogueiras. Os taludes cuidadosamente gramados e floridos buscavam evitar a erosão e preservar o platô onde fora construído o solar.

Na verdade, tanto esses jardins como a própria localização da casa, realçada como objeto isolado graças ao sábio jogo de aproximação e afastamento dos maciços de vegetação, lembram outros projetos de Grandjean, particularmente um desenho da coleção do Museu Nacional de Belas Artes identificado como o projeto de uma residência em Cassel para Jerônimo Bonaparte.(6)

À época em que foram feitos os desenhos por Meunié, uma grande alameda plantada apenas com laranjeiras marcava o acesso à residência e, sobretudo, sua composição axial. A simetria na organização desta fachada "principal" era sublinhada por uma escadaria que levava ao terraço do andar térreo, que, além de ocupar uma posição central, estava perfeitamente "enquadrada" por duas palmeiras, intencionalmente plantadas uma de cada lado do semi-círculo que coroava a alameda. (des.2,it. 3,4). Deve-se notar que embora possamos considerar esta fachada como principal o próprio Meunié explica que o acesso a residência se fazia à época por um pequeno caminho sinuoso que contornava o edifício, à esquerda.

Nessa fachada a residência abria-se em terraços e varandas voltados para a alameda principal, margeada pelas palmeiras e laranjeiras, e para a exuberante vegetação natural. A declividade do terreno fizera com que Grandjean projetasse aqui, sob o terraço e as varandas, um porão habitável. Assim, vista deste ângulo o solar apresentava 3 pavimentos: porões, térreo e primeiro andar.

Na fachada oposta, ao contrário, malgrado a existência de um jardim à francesa com seus canteiros gramados e ornados de roseiras, superfícies de massa branca "fechavam" o solar, que neste ponto, era composto de apenas dois pavimentos. Aqui também, Grandjean adotou uma composição absolutamente regular e simétrica, cujo eixo é marcado, no andar térreo, por uma porta enquadrada por um pequeno volume saliente, encimado por um frontão.

Deve-se assinalar que Grandjean opõe à planaridade vasada, e portanto difusa e desconstruída pelas aberturas da varanda da fachada frontal, a volumetria de um semi-círculo saliente do lado do jardim. É este semi-círculo que acolhe justamente a porta central com o pequeno frontão, e embora tensionando com os planos do corpo da casa, esta fachada é definida por superfícies «cheias», massas compactamente construídas.

Neste sentido é nítido o contraponto na composição das duas fachadas e dos elementos utilizados na linguagem plástica do arquiteto sejam eles arquitetônicos ou vegetais: semi-círculo construído e fechado x semi-círculo vegetal e aberto; plano x volume, difusão x concentração; vasado x cheio... Grandjean também contraria nesse jogo certas tradições francesas, apontadas por Mario Henrique Torres, que presidiam a disposição em planta de certas peças. (7)

Assim, na re-criação do modelo de «villa» palladiana feita pelos franceses e particularmente nos exemplos de casas campestres construídos nas últimas décadas do século XVIII - como a Bagatelle ou a casa Lakanal, nos quais Grandjean se inspira - o lado do jardim, tradicionalmente oposto à entrada da habitação, era considerado a fachada mais nobre. Ora, pela descrição que Meunié faz dos usos e funções de cada peça, confirma-se a utilização do grande salão retangular do térreo como sala de estar e como espaço privilegiado, circundado pelas varandas e terraços, voltado para o verde e para o mar.

Do ponto de vista da espacialidade interna e particularmente da síntese de diversas tendências européias e de soluções locais realizada por Grandjean na concepção em planta do seu solar, pouco se teria a acrescentar às análises de M.H.Torres, que permanecem atuais. Pode-se apenas precisar em relação às funções das peças que os dois cômodos situados à direita e à esquerda do salão circular no térreo eram usados, em 1822, como os lugares onde a família fabricava vinho de laranja e possuía a carpintaria. Contudo, uma vez a obra terminada deveriam ter usos bem menos prosaicos e absolutamente consagrados pela tradição francesa nesse tipo de planta "concentrada": seriam destinados aos escritórios (cabinet ou boudoir) de Grandjean e de sua mulher (o de Mme. Grandjean eventualmente teria função de antecâmara) enquanto o salão circular seria utilizado como sala de jantar.

Esta disposição do andar térreo, como espaço especificamente voltado para a vida social, relegava ao porão às atividades e espaços de serviço e fazia do primeiro andar a área privativa da família. Assim, embora ainda não construído totalmente à época, o porão (caves) deveria abrigar a cozinha, um quarto de passar, fornos, depósitos, etc.

A iluminação das peças era garantida pelas portas e sobretudo por três pequenas aberturas feitas no terraço do andar térreo. O refinamento que se percebe na concepção dessa iluminação zenital também se verifica na complexidade das volumosas obras de engenharia e contenção das encostas que foram necessárias para se conseguir a melhor implantação da casa..

Em 1822, os escravos dormiam e cozinhavam no porão enquanto não se construira ainda a senzala. Bois e animais também eram guardados nesse piso. A cozinha da família Montigny era preparada no térreo e apenas o primeiro pavimento estava inteiramente concluído interior e exteriormente.

A observação desses desenhos e a leitura das notas explicativas que os acompanham, pouco a pouco nos levam ao dia a dia desses homens. Alguns paralelos entre o modo de vida que levavam esses franceses no Rio de Janeiro nessas primeiras décadas do século XIX com a cultura europeia setecentista e particularmente com o romantismo, se impõem.

Tudo parece indicar que a travessia do Atlântico foi um divisor na carreira profissional de alguns deles, sobretudo, de Grandjean de Montigny. Não se trata aqui de afirmar isto, diante, apenas, das evidências de superfície: o «atraso» do país, a falta de mão de obra especializada, a carência de materiais, a ausência de uma forte demanda social da própria figura do arquiteto. Trata-se de afirmá-lo, também, diante da observação de certas atitudes aparentemente banais do próprio Grandjean- como a escolha de uma chácara para ser comprada, ou a configuração do que nela é construído. São essas pequenas atitudes, feitas de decisões e hesitações, que nos devolvem a própria subjetividade do arquiteto - a espessura de sua visão de mundo - e os sentidos que vai dando ao seu gesto de construir a aparência do mundo.

Se Grandjean de Montigny foi na Europa um arquiteto de formação «neoclássica», a formalização de alguns dos seus projetos europeus o coloca, às vezes, muito mais como um arquiteto «neoclassicista». A casa da Gávea, assim como antes dela o prédio da Bolsa de Comércio, vem reforçar agora - de par com as condições materiais que encontra - um amadurecimento no seu entendimento da busca da atemporalidade e da universalidade na arquitetura, graças a sua capacidade de integrar o particular a partir de uma mesma condição de humanidade.

Certamente na formação de Grandjean e em suas viagens a Roma e a Toscana, exerceu um enorme fascínio a descrição das casas de Plínio, o jovem - consul romano e feliz proprietário da «villa Laurentina», a mais famosa de suas residências. Sua célebre carta retratando esta propriedade, enviada para seu amigo Gallus, desde o Renascimento alimentou a imaginação dos arquitetos, como o exemplo mais perfeito da casa e do modo de vida «dos antigos».(8)

No século XVIII, com a descoberta das ruínas de Pompéia e o redirecionamento da arquitetura em relação à antiguidade greco-romana com o movimento neoclássico, o relato de Plínio ganha nova força. Grandjean, conheceu certamente estes textos. Mas o paralelo que podemos traçar entre a Laurentina e a casa da Gávea não está no plano das formas, mas naquele da imaginação e do desejo.

Na Gávea, cercada de uma natureza que obriga a meditação, longe da cidade como séculos antes Plínio estava na sua Laurentina de Roma, Grandjean se debate nesse projeto com todo o passado, com todo seu passado, com a história da arte de todos os tempos e com que já havia sido feito antes dele. Se debate também com o novo, com o perturbadoramente novo, que ora o faz ver ainda mais o passado, ora o coloca no centro de diferenças e vazios incontornáveis. E Grandjean assim desafia: concebe e constrói com o peso do mundo e da história seu modesto solar na Gávea e nos comove. Lição de antigos e modernos, síntese do ontem e do hoje, sua casa, tal como nos lembra Leonardo Sciascia, percorre toda a história da arte e também toda a arte sem história.

NOTAS:

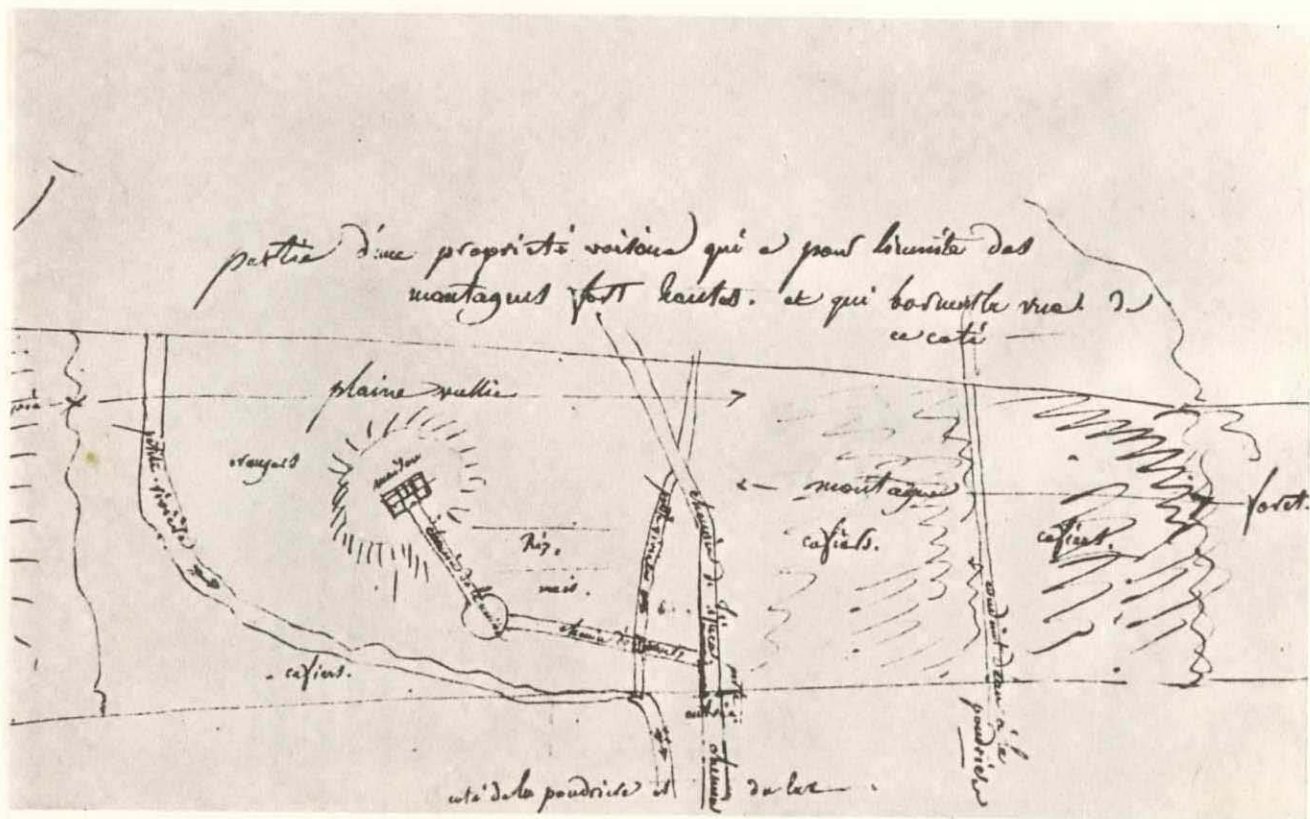
* Agradeço ao Professor Donato Mello Junior, à Cecília Rodrigues dos Santos, ao Consulado Geral da França, à CAPES e à FAPERJ o incentivo e apoio ao projeto de pesquisa que ora iniciamos em torno de uma releitura da Missão Francesa de 1816, da qual este texto é, ainda, um preâmbulo.

(1) Archives Nationales - 439 AP - papéis de Pierre François Leonard Fontaine, particularmente, 439 AP 4 - dossier 8.

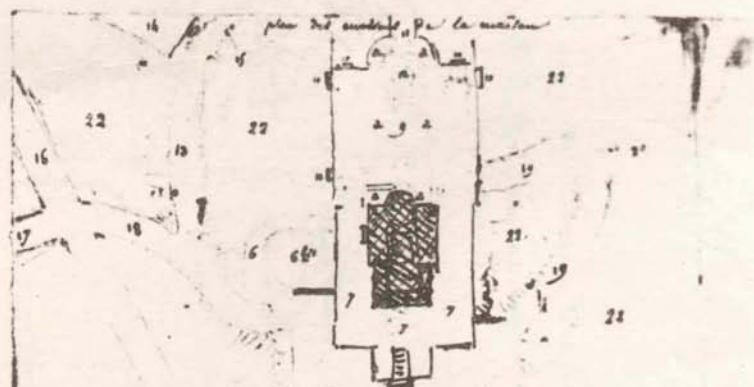
(2) Marguerite David Roy « Rio de Janeiro vu par l'architecte Louis-Symphorien Meunié » in **Archives d'Architecture Moderne**, número 40, 1990.

(3) vide Archives Nationales 439 AP 4

- (4) Pierre François Leonard Fontaine, **Journal 1799-1853**, Paris, Ensba/IFA/Société de l'Histoire de l'Art Français, 1987.
- (5) compare-se por exemplo o desenho da casa da Rua Catumbi feito por Meunié e publicado em «Rio de Janeiro vu par L'architecte Louis-Symphorien Meunié», supra cit. com o desenho do mesmo tema feito por Debret e publicado em **Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil** - Aquarelas e Desenhos que não foram reproduzidos na edição de Firmin Didot, 1834, Paris, R. de Castro Maia, 1954.
- (6) Museu Nacional de Belas Artes número 3704 e 3706.
- (7) vide Mario Henrique G. Torres, « A casa de Grandjean de Montigny na Gávea», **Grandjean de Montigny e o Rio de Janeiro - Uma cidade em questão I**, Rio de Janeiro, PUC, 1979.
- (8) veja sobre a tradição do relato de Plínio Ut **Architectura Poesis - La Laurentina et l'invention de la ville romaine**», Paris, IFA, 1982 - catálogo.



Localização da propriedade de Grandjean de Montigny na Gávea.



Étude de la
maison

suite

18 allée montant au sud
de la plate-forme.

19 nouvelle allée, montant à la
cassette plantée en caféiers et
calbassiers

20 nouvelle allée descendant -

21 petite allée descendant plus bas
que la plate-forme.

22 massif planté en caféiers
et oranges.

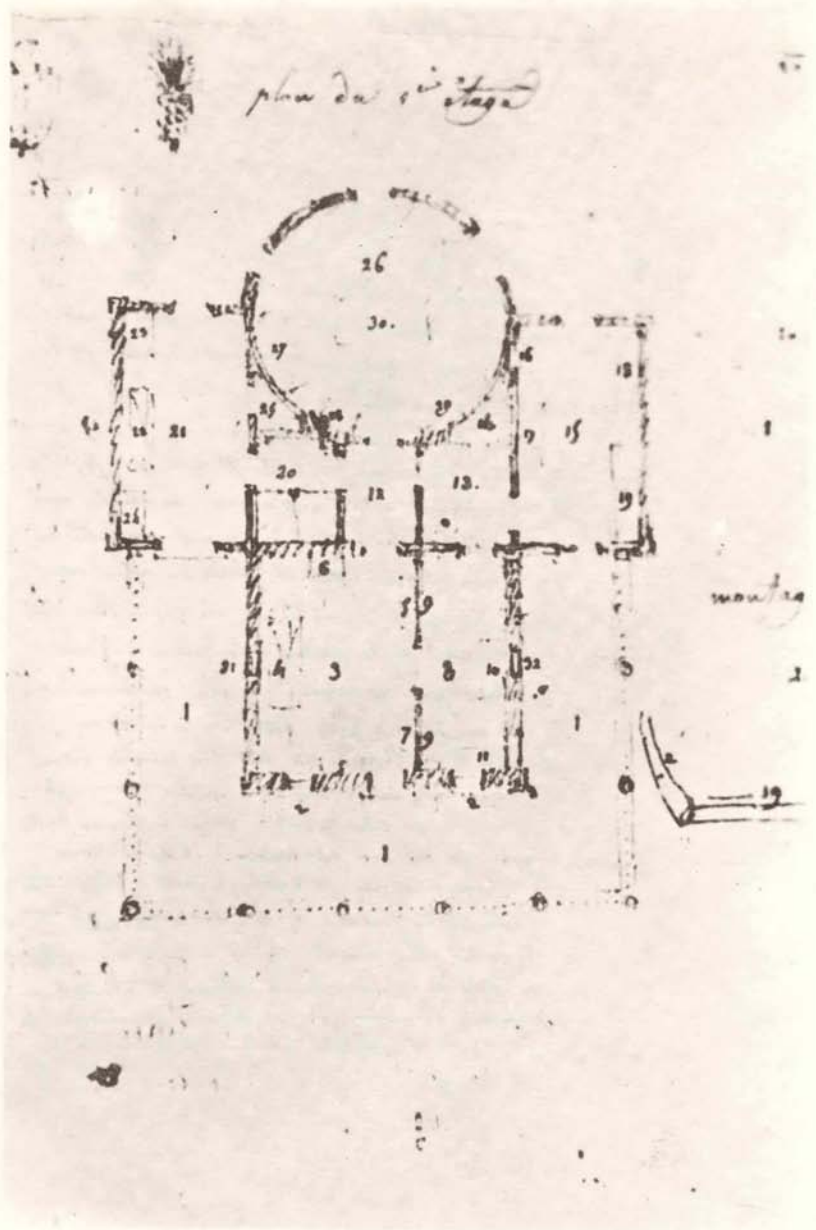
Planta da situação da casa e dos jardins.

Jardins.



- 1 chemin qui conduit à la porte -
- 2 mur pour séparer les allées - 3 grand allée en pente plantée en oranges au bout y mettre aussi les nuyes de
- 4 Allée 4 - 2 cocotiers au bout de l'allée
- 5 place pour le vestibule la grande allée
- 6 chemin de la cabane du fruit. Allée cabane & pied de
- 7 chemin venant à l'entrée à la cuisine ce chemin va en montant de la hauteur des caves est bordé de gazons pour tenir les terres et plantée en café, variés. et lilas de Chine - (ce lilas est planté en fleurs jaunes de terre) & la maison & le jardin de fleurs
- 8 fleurs pour se opposer à l'allée qui va en descendant et se à une petite porte sur la route -
- 9 un carré de fleurs. à l'entrée des pièces de gazons planté mais non terminé à l'entrée sont des plantes diverses. ce qui est le jardin est un grillage à hauteur d'homme qui sert aussi de clôture de l'entrée -
- 10 chemin de niveau, est d'édifices planté en café et oranges
- 11 mur de la porte de l'édifice de l'édifice perdant la moitié et aussi
- 12 grand allée nouvelle plantée en café et pour l'entrée en deux de l'édifice. elle est allignée et abritée à un chemin allée d'orange. 13 chemin qui conduit à la cuisine qui est parallèle à l'allée n° 16 et à celle n° 1.

Nota explicativa dos jardins e dos acessos à residência.



Croquis do 2º pavimento.

Rensoi.

1. étage. au-dessus est un oriel
à l'ouest avec une échelle
1. galerie appelée "sacade" à jour
2. 2. chemin au sud appelé "sacade"
3. chambre de M. et M^{lle} Goussier
4. 4. 5. escaliers. 6. sacade 7. petite
chambre
8. cabinet de toilette
9. armoire grande. 10. commode table
11. passage ou vestibule
11. cabinet pour le service ayant toilette
+ petite baignoire dans un double
plancher sur le rez-dechaussée
14. garde-robe avec toilette
15. chambre de 2 petites filles 16. armoire
17. 17. 18. 19. 20. 21. 22. 23. 24. 25. 26. 27. 28. 29. 30. 31. 32. 33. 34. 35. 36. 37. 38. 39. 40. 41. 42. 43. 44. 45. 46. 47. 48. 49. 50. 51. 52. 53. 54. 55. 56. 57. 58. 59. 60. 61. 62. 63. 64. 65. 66. 67. 68. 69. 70. 71. 72. 73. 74. 75. 76. 77. 78. 79. 80. 81. 82. 83. 84. 85. 86. 87. 88. 89. 90. 91. 92. 93. 94. 95. 96. 97. 98. 99. 100.
20. escalier collé dans le haut et au S. Nord
au sud 1^{er} étage avec parloir de suite
ici par un chaudière à toilette
21. chambre de M^{lle} Goussier 22. 23. commode
24. table 25. genre robe petite avec toilette
26. salon devant maintenant de salle à manger
27. une chambre 28. toilette 29. toilette
30. 31. 32. 33. 34. 35. 36. 37. 38. 39. 40. 41. 42. 43. 44. 45. 46. 47. 48. 49. 50. 51. 52. 53. 54. 55. 56. 57. 58. 59. 60. 61. 62. 63. 64. 65. 66. 67. 68. 69. 70. 71. 72. 73. 74. 75. 76. 77. 78. 79. 80. 81. 82. 83. 84. 85. 86. 87. 88. 89. 90. 91. 92. 93. 94. 95. 96. 97. 98. 99. 100.
30. table à manger en bois
31. salon de chambre de M. Goussier, dans le sud
32. salon de chambre de M. Goussier

Rg. de l'habitation.

1. entrée au rez-de-chaussée 6
2. continuation de la courbe autour
de la maison. Les 2 lignes pointées
indiquent au 2^e étage les cases
3. chambre qui doit être le cabinet
de M. Goussier, ou l'entrée chambre
ou attendait on y fait le
vin d'orange
4. escalier qui monte au 1^{er} et
descend dans les caves
5. passage. 6. commode table dont
une ligne au rayon indique un
casier pour bicarbonate de Na...
7. le cabinet de M^{lle} Goussier. avec
une niche pour servir de toilette
on attendait cette toilette de
M. Goussier. M. Goussier. 8. toilette
9. ce qui sera la salle à manger.
10. ce sera le salon. avec une cheminée
n^o 10. pour l'été
on attendait on y fait les cuisines

11 l'on a fait ^{lettre} il est fait en brigue ^{recherché}. la partie n'est
pas faite

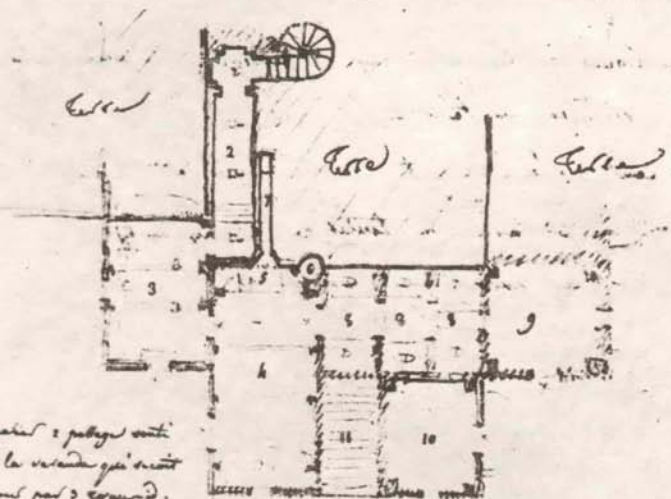
Les lignes rondes au crayon ^{indiquent} comme cela est
au dos ^{de} cette route -

tout cela, excepté le n° qui est plié de papier
et couvert avec des feuilles en attendant

Les parties sont marquées ^{sur} ^{avec} ^{des} ^{lettres} et
craie

n° 17

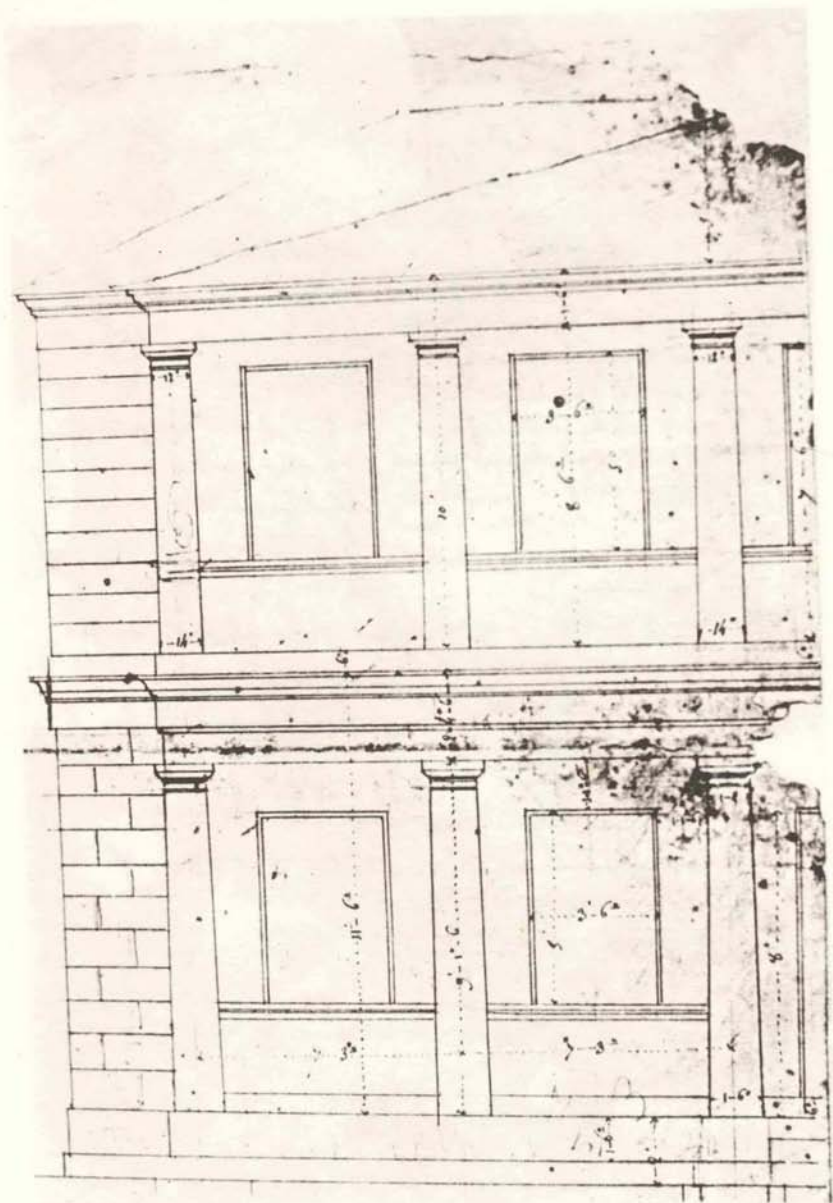
Plan des cuisines et cuisine, au Roy de la cour
 côté de la grande allée



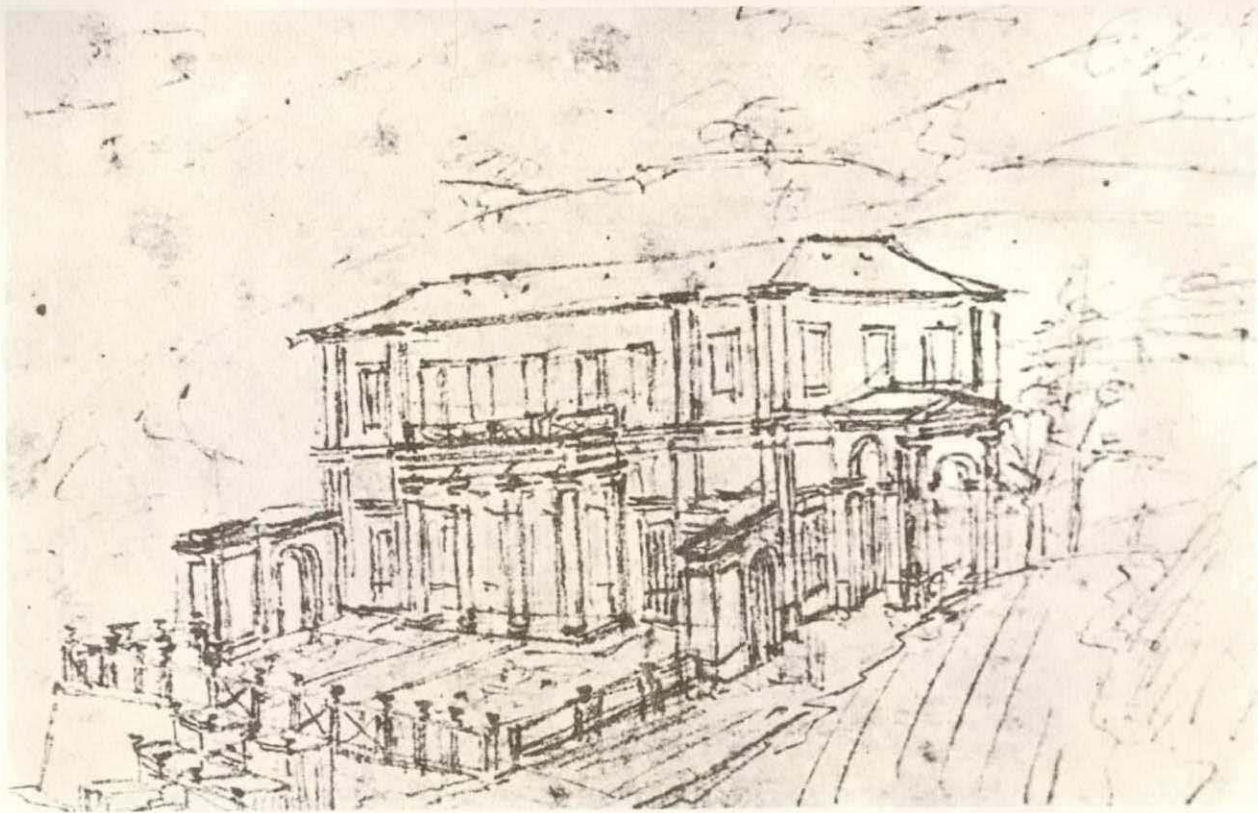
1. entrée & passage entre
 dans la cuisine qui vient
 du joul par 3 corridors.
2. chambre à regard de 2 ardoillans les 2 parties de sont ventées hors de l'air.
3. cuisine & état de bois. 6 font. 7 canal pour la fumée. Elle n'est pas ventée pas.
 on entretient tout avec acensie et dans la cheminée on fait la cuisine par rigles
4. la cave, lieu où couchent les vairs en attendant que leur viande
 soit faite & tiré de cage. 9 magasin aux ustiles n'est pas ventée
10. magasin il n'est pas ventée. la on met le bois.

Croquis do porão e nota explicativa.

- 11 la robida da bad - n.º 11 Rouais de a gelado
 com as colunas em boique - tout le premier étage
- 12 3 traves qui colasent un passage entre tout entièrement fini
- 13 le logon de la cuisine
- 14 escaliers pour venir en haut de la salle tout intérieur par escaliers
- 15 lignes indiquant la place de l'ancien puits pour faire le jardin Le rez de chaussée n'est en
- en a eu l'air d'être de haut de terre n'est que creux. Les cloisons
- 16 bancs. 17 plâtres badés de plâtre tout peints et pris que toutes
- 18 badés au gazon pleines par moi les portes --
- 19 escalier en pierre de 3 marches. Les plafonds tout creux
- qui vada de la terrasse à la chambre seulement --
- E grillage en cuivre pour tout Les escaliers ne sont
- un bois de robida pas faits ils sont couverts
- 17 bis. carreaux de gazon 12 murs de en attendant avec des tuiles
- entièrement pour les traves de la de la vieille maison
- maillage. a gazon qui retient les
- 18 grande atagada de Les cloisons de haut sont
- D mur d'appui en briques et entièrement et est la robe de
- pas commença dit plusieurs années que les
- les lignes de cloison de a d'eau h portes
- est le chemin qui l'a fait en
- estribant l'achèvement de la maison.



Vista das varandas com as colunas e aberturas das janelas cotadas.



Bibliografia Seleccionada

Piedade Epstein Grinberg

Periódicos

- *Gazeta do Rio de Janeiro* - Rio de Janeiro, 6 de abril de 1816.
- *Gazeta do Rio de Janeiro* - Rio de Janeiro, 12 de novembro de 1817.
- *O Espelho Diamantino* - periódico de política, literatura, Bellas-artes, Theatro e modas, Rio de Janeiro, 1827.
- *Império do Brasil - Diário Fluminense.*, 12 de janeiro de 1828, 26 de janeiro de 1828, 28 de janeiro de 1828.
- *Jornal do Comércio* - Rio de Janeiro, 1º de fevereiro de 1828.
- *L'Echo* - 6 de fevereiro de 1828.
- *Jornal do Comércio*, 16 de fevereiro de 1828, 20 de fevereiro de 1828.
- *Jornal do Comércio*, 24 de março de 1828.
- *Aurora Fluminense*, 7 de maio de 1838.
- *O Chronista*, 10 de maio de 1838.
- *Jornal do Commercio*, 8 de março de 1859.
- VIANA, Araújo. O Túmulo de GrandJean. *A Notícia*, Rio de Janeiro, 27 de dezembro de 1905.
- TAUNAY, Affonso d'Escragnolle, A Missão Artística de 1816. *Revista do Inst. Hist. Bras. LXXXIV parte I. s.d.*
- MORALES DE LOS RIOS, Adolfo. O Brasil Artístico. *Estudos sobre Arquitetura*, março 1911.
- RIBEIRO, João. Centenário das Belas Artes. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 13 de agosto de 1916.
- MORALES DE LOS RIOS, Adolfo. Comemoração do ensino da Arquitetura no Brasil - a figura e a glória de GrandJean de Montigny. *A Noite*, Rio de Janeiro, 11 de agosto de 1921.
- CARVALHO, Ronald de. Artes Plásticas no Brasil. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 7 de setembro de 1922.
- *Arquitetura nos primeiros cem anos da nossa independência. A Noite*, Rio de Janeiro, 9 de setembro de 1922.
- MARIANO FILHO, José. *Arquitetura do Passado. O Jornal*, Rio de Janeiro, 16 de setembro de 1925.
- ESCRAGNOLLE DORIA. GrandJean. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 17 de outubro de 1936.
- SANTOS, Noronha. *O antigo Solar de GrandJean de Montigny*. SPHAN/maio de 1945.
- MELLO Jr., Donato. GrandJean de Montigny e discípulos nas primeiras exposições e premiações de arquitetura no Brasil. *Anuário da Faculdade Nacional de Arquitetura*. Ano IV, nº 4, 1961, Rio de Janeiro.
- _____. Desenho de GrandJean de Montigny para sua residência na Gávea - *Boletim - Faculdade Nacional de Arquitetura* ano IV, nºs 35/39, jun. out de 1962. Rio de Janeiro.

- KAUFFMAN, Elias, O Rio de Janeiro de Montigny a Niemeyer, *Revista GAM*, nº 2, janeiro de 1967.
- MELLO Jr., Donato. O arquiteto GrandJean de Montigny e suas mercês honoríficas no Brasil. *Mensário do Arquivo Nacional* nº 1, janeiro de 1973.
- _____. GrandJean de Montigny. *Associação de Escolas de Arquitetura (ABEA). Boletim* 3/1976, São Paulo.
- ALVES DE SOUZA, Maria Eduarda. O homem que fez o moderno Rio Antigo. *Jornal do Brasil*, 13 de julho de 1976.
- MELLO Jr., Donato. Bicentenário de GrandJean de Montigny, o Grande arquiteto do Rio de Janeiro Imperial. *Correio do Povo*, Porto Alegre 15 de julho de 1976.
- _____. Seção cartas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 de agosto de 1976.
- _____. Bicentenário do arquiteto GrandJean de Montigny. *Mensário do Arquivo Nacional*, nº 8, agosto de 1976, Rio de Janeiro.
- _____. Bicentenário do arquiteto GrandJean de Montigny, *O Globo*, Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1976.
- _____. GrandJean. *JA Jornal do Arquiteto*. Serviço nº 12, outubro de 1976. IAB, Rio de Janeiro.
- _____. O arquiteto do Rio de Janeiro Imperial - *O Liberal*, Belém. PA, 15 de julho de 1977.
- PONTUAL, Roberto. Artes Plásticas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, RJ, 01 de maio de 1977.
- MELLO Jr., Donato. O arquiteto GrandJean de Montigny e a primeira Praça do Comércio do Rio de Janeiro, antiga Alfândega. *Mensário do Arquivo Nacional*, 3 e 11 de março de 1979.
- _____. Bicentenário de Nascimento de GrandJean de Montigny, o grande arquiteto do Rio de Janeiro Imperial (1776-1976). *Boletim do Conselho Federal de Cultura - MEC nº 34 ano 9* Rio de Janeiro - janeiro, fevereiro e março de 1979.
- MURPHY, Tom. Montigny - The story of a dream that failed. *Brazil Herald*, Rio de Janeiro/São Paulo, 18 de setembro de 1980.
- O pouco que resta, à espera da Salvação, *O Globo*, Rio de Janeiro, 06 outubro de 1980.
- Solar GrandJean de Montigny. *O Engenho e Arte*, nº 8, ano I, 06/10/80.
- Um centro de Cultura reabre as suas portas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 08 de outubro de 1980.
- O Solar da Gávea, *O Globo*, Rio de Janeiro, 09 de outubro de 1980.
- ANGÉLICA, Joana. Solar GrandJean de Montigny - Uma obra neoclássica pronta para mudar a polêmica das artes. *O Globo*, Rio de Janeiro, 09 de outubro de 1980.

- Exposição reabre Solar de GrandJean de Montigny, *O Globo*, Rio de Janeiro, 10 de outubro de 1980.
- RACZ, Georges. Continua lindo?, *Visão*, São Paulo, 13 de outubro de 1980.
- Solar de volta. *Veja*, São Paulo, 15 de outubro de 1980.
- AQUINO, Flávio. O Solar do arquiteto Imperial. *Manchete*, Rio de Janeiro, 15 de outubro de 1980.
- BARATA, Mário. De livro de René Julian à mostra de GrandJean. *Província do Pará*, Belém, 09 de novembro de 1980.
- DEL BRENNNA, Giovanna Rosso. Rio: Uma Capital nos Trópicos e seu modelo europeu. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, nº 19, 1984.
- SISSON, Rachel. Marcos Históricos e configurações especiais - um estudo de caso: os centros do Rio de Janeiro in *Arquitetura Revista nº 4 - FAU/UFRJ*, 2º semestre 1986.
- Solar GrandJean, patrimônio vivo. *Jornal da PUC*, Rio de Janeiro, ano II, nº 4, agosto de 1987.
- Respirando a arte do Solar. *O Globo (caderno de bairros)*. 01 de abril de 1988.
- Passado, Presente; O pórtico de Montigny. *Revista SPHAN - Pró-Memória* nº 45, janeiro/fevereiro de 1989.
- No Solar, dinamismo da arte em prédio tombado. *Jornal da PUC*; Rio de Janeiro, nº 14, março de 1989.
- MAYER, Patrícia, L'esprit carioca in *Interview AD*, Rio de Janeiro, nº 116, 1989 - pág. 88.
- MEMÓRIA, Aldeli. Casa França-Brasil: a cor na intervenção de restauro. *Arquitetura Revista nº 07. FAU/UFRJ*, 1989.
- HAAS, Cristina. Les Français à Rio depuis toujours, *RIO-FRANCE*, nº 19, 1989.
- ARESTIZABAL, Irma. Solar GrandJean de Montigny. *Dana 30 - Documentos da Arquitetura Nacional y Americana*, 1991. Resistencia - Chaco - Argentina.

Livros

- ABREU, Maurício de A. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. IPHAN-RIO. Jorge Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1988.
- ACQUARONE, F. *História das Artes Plásticas no Brasil*, Gráfica Editora Americana Ltda, Rio de Janeiro, 1980.
- ARANTES, Otilia B. Fiori. *Mário Pedrosa - itinerário crítico*. Editora Página Aberta Ltda, 1991.
- ARESTIZABAL, Irma e DEL BRENNNA, Giovanna coord. *Rio Neoclássico in Rio - Guia para uma história urabana*. Fundação Rio, Rio de Janeiro, 1981.
- AZEVADO, Moreira de. *O Rio de Janeiro*. Livraria Brasileira Editora, Rio de Janeiro, 1969.
- BARDI, Pietro Maria. *História da Arte Brasileira*. Ed. Melhoramentos, São Paulo, 1975.

- BARROS, Alvaro Paes de. *O Liceu de Artes e Ofícios e seu fundador*. Serviço gráfico IBGE, Rio de Janeiro, 1956.
- BAZIN, Germain. *História da História da Arte*. Ed. Martins Fontes, Rio de Janeiro, 1990.
- BELCHIOR, Elísio de Oliveira e POYARES, Ramon, *Pioneiros da Hotelaria no Rio de Janeiro* - SENAC / Rio de Janeiro, 1987.
- BENCHIMOL, Jayme Larry. *Percira Passos: um Haussmann Tropical*. Biblioteca Carioca. SMCTE / Deptº geral de Doc. e Inf. Cultural, Rio de Janeiro, 1990.
- BOSISO Jr. Arthur - coord. *O comércio e suas profissões: imagens Brasil - 1500/1946*. SENAC, Rio de Janeiro, 1983.
- BRUAND, Yves. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. Ed. Perspectiva, São Paulo, 1981.
- BURY, John. *Arquitetura e a Arte no Brasil Colonial*. Ed. Nobel, São Paulo, 1991.
- CARVALHO, Delgado de. *História da Cidade do Rio de Janeiro*. Biblioteca Carioca, RJ, 1988.
- CARVALHO, Ronald de. *Arte Brasileira e os estudos brasileiros - 1ª série*. Anuário do Brasil, Rio de Janeiro, 1924.
- CAMPOFIORITO, Quirino. *História da Pintura Brasileira no Século XIX*. Ed. Pinakothek, Rio de Janeiro, 1983.
- COSTA, Cassio. *Gávea - história dos subúrbios* - Deptº de História - documentação do Estado da Guanabara, s.d.
- CRULS, Gastão. *Aparência do Rio de Janeiro*. Livraria José Olímpio Editora, Rio de Janeiro, 1949.
- DUQUE ESTRADA, Luiz Gonzaga. *A arte brasileira*. H. Lammaertz e Cia. Rio de Janeiro, 1988.
- _____. *Os contemporâneos*. Tipografia Benedito de Souza, Rio de Janeiro, 1888.
- _____. *A arte brasileira: pintura, escultura*. Imprensa a vapor H. Lammaertz e Cia., Rio de Janeiro, 1888.
- _____. *Graves e Frívolos*. Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1910.
- EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Ed. Conquista, São Paulo, 1957.
- FERREIRA, Felix. *Belas, Artes, estudos e apreciações* - Baldomiro Cerqueira Fentes Editora, Rio de Janeiro, 1985.
- FERREZ, Gilberto. *O Rio Antigo do fotógrafo Marc Ferrez - 1865 - 1918*. Editora Ex-Libris/João Fortes Engenharia, São Paulo, 1984.
- FREIRE, Laudelino de Oliveira. *Um século de pintura: apontamentos para a História da Pintura no Brasil de 1816 a 1916*. Tipografia Rohe, Rio de Janeiro, 1916.
- GALVAO, Alfredo. *Subsídios para a História da Academia Imperial de Belas Artes*. s. ed., Rio de Janeiro, 1954.
- GUIMARÃES, Argeu. *História das Artes Plásticas no Brasil*. Ed. Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 1930.

- LEMOS, Carlos A. C. *Arquitetura Brasileira*. Edições Melhoramentos, São Paulo, 1979.
- MANUEL-GISMONDI, Pedro Caninada. *Tentativa de uma Pequena História da Arte no Brasil*. Publicações Convívio, São Paulo, 1964.
- MARIANO FILHO, José. *Debates sobre Estética e Urbanismo*. Rio de Janeiro, 1943.
- MONTEIRO, Fernando. *A Velha Rua Direita*. Museu e Arquivo Histórico do Banco do Brasil, Rio de Janeiro, 1985.
- MORALES DE LOS RIOS FILHO, Adolfo. *Grandjean de Montigny e a Evolução da Arte Brasileira*. Empresa A Noite, Rio de Janeiro, 1941.
- PALMARY, Luis. *Pequena História da Pintura no Brasil*, A.A.B.B., Rio de Janeiro, 1956.
- PECHMAN, Roberto M. et alii. *História dos Bairros: Saide, Gamboa, Santo Cristo*. Editora Index/João Fortes Engenharia, Rio de Janeiro, 1987.
- PINHEIRO, Gerson Pompeu. *Efemérides das Artes Plásticas*. ENBA/Universidade do Brasil, Rio de Janeiro, 1961.
- PINHEIRO, João Ribeiro. *História da Pintura Brasileira*, Casa Leuzinger, Rio de Janeiro, 1937.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. *Quadro da Arquitetura no Brasil*. Ed. Perspectiva, São Paulo, 1978.
- REIS JUNIOR, José Maria dos. *História da Pintura Brasileira*. Ed. Leia, São Paulo, 1944.
- RIO, João do. *A Alma Encantadora das Ruas*. Biblioteca Carioca, 1987.
- RUBENS, Carlos. *Pequena História das Artes Plásticas no Brasil*, Companhia Editora Nacional, 1941.
- _____. *As Artes Plásticas no Brasil*. Ed. Melhoramentos, São Paulo, 1935.
- SANTOS, Noronha. *Fontes e Chafarizes do Rio de Janeiro*. Arquitetura Oficial II. MEC/IPHAN/FAU-USP, 1978.
- SANTOS, Paulo. *Quatro séculos de Arquitetura*, Coleção IAB, Rio de Janeiro, 1981.
- TABET, Sérgio e PUMAR, Sônia. *O Rio de Janeiro em Antigos Cartões Postais*. Sindicato Nacional de Editores de Livros, Rio de Janeiro, s.d.
- VALLADARES, Clarival do Prado. *Evolução da Arquitetura no Brasil: uma interpretação*. s.r.b.
- _____. *Rio Neoclássico*. Bloch Editores, Rio de Janeiro, 1978.
- VÁRIOS AUTORES. *Aspectos da Arte Brasileira*. Ed. FUNARTE, Rio de Janeiro, 1981.

Obras de Referência

- ARTE NO BRASIL, Abril Cultural, São Paulo, 1979.
- BENEZIT, Emanuel. *DICTIONNAIRE DES PEINTRES* SCULPTEURS* DES SINAUTEURS ET GRAVEURS* Libraire Gründ, Paris, 1976.

- CARRAZONI, Maria Elisa coor. *GUIA DOS BENS TOMBADOS - BRASIL* - Ed. Expressão Cultura, Rio de Janeiro, 1987.
- *DICIONÁRIO BRASILEIRO DE ARTES PLÁSTICAS* - Ed. Instituto Nacional do Livro, Vol. I, 1973, vol. II, 1974.
- *ENCICLOPÉDIA BRASILEIRA MERITO*. Ed. Mérito, São Paulo, 1958.
- *HISTÓRIA GERAL DA ARTE NO BRASIL* - coord. Walter Zanini. *Instituto Walter Moreira Salles, Fundação Djalma Guimarães*, São Paulo, 1983.
- Museu Nacional de Belas Artes - FUNARTE - Instituto Nacional de Artes Plásticas - SÉRIE MUSEUS BRASILEIROS, nº 1, Rio de Janeiro, 1979.
- PONTUAL, Roberto. *DICIONÁRIO DE ARTES PLÁSTICAS DO BRASIL*, Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1969.
- *PROTEÇÃO E REVITALIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL NO BRASIL: UMA TRAJETÓRIA*. MEC/SPHAN/PRÓ-MEMÓRIA, Brasília, agosto, 1980.
- SILVA TELLES, Augusto Carlos da. *ATLAS DOS MONUMENTOS HISTÓRICOS E ARTÍSTICOS DO BRASIL*. MEC/SEAC/FENAME 1980.
- SILVEIRA, Alarico da. *ENCICLOPÉDIA BRASILEIRA MEC/INL*, Rio de Janeiro, 1958.
- TEIXEIRA LEITE, José Roberto. *DICIONÁRIO CRÍTICO DE PINTURA NO BRASIL*. Artelivro, Rio de Janeiro, 1988.
- *The Dictionary of Art* - MACMILLAN PUBLISHERS LIMITED, London (em preparação).

Abstracts

- MORALES DE LOS RIOS, Adolfo. *Resumo monográfico da evolução de arquitetura no Brasil*. Livro de Ouro do Centenário da Independência, 1922.
- SILVA TELLES, Augusto Carlos da. *A casa de residência de Grandjean de Montigny no Rio de Janeiro*. V Colóquio Internacional de estudos Luso-Brasileiros. Coimbra, 1968.
- ARETIZABAL, Irma. *La Mision francesa y los grandes mudanzas en Rio de Janeiro del siglo XIX*. 44 th International Congress of Americanists Manchester, England, 1982.

Catálogos

- DEL BRENNNA, Giovanna Rosso (coord.) *Uma Cidade em Questão I: Grandjean de Montigny e o Rio de Janeiro, Solar Grandjean de Montigny* - PUC-RIO, 1979.
- DEL BRENNNA, Giovanna Rosso, (org.). *Uma Cidade em questão II: O Rio de Janeiro de Pereira Passos - Solar Grandjean de Montigny* - PUC-RIO, Ed. Index, Rio de Janeiro, 1985.
- GRANDJEAN DE MONTIGNY - 1776-1850. *Un architecte français à Rio*. Bibliothèque Marmottan. Boulogne-Billamourt, 1988.

Elenco dos Originais Expostos

Museu Raymundo Otoni de Castro Maya

- DEBRET, JEAN BAPTISTE

Vue du côté de la cano à Rio de Janeiro

aquarela/papel - séc. XIX - s/d (1816)

0,045 x 0,062 mm

MEA: 15

- DEBRET, JEAN BAPTISTE

Maison Provisoire du Catumbi à Rio de Janeiro

aquarela/papel - séc. XIX - s/d (1816)

0,045 x 0,058 mm

MEA: 16

- DEBRET, JEAN BAPTISTE

Casa de Campo

aquarela monocroma (sépia) - séc. XIX - s/d

0,160 x 0,244 mm

MEA: 312

- DEBRET, JEAN BAPTISTE

Chacra Maison de Campagne

aquarela monocroma (sépia) e aquarela - séc. XIX - s/d

0,350 x 0,250 mm

MEA: 313

- DEBRET, JEAN BAPTISTE

Interior de Moradia

aquarela monocroma (sépia) - séc. XIX - s/d

0,113 x 0,178 mm

MEA: 410

- DEBRET, JEAN BAPTISTE

Aspecto arquitetônico

aquarela monocroma (sépia) - séc. XIX - s/d

0,146 x 0,202 mm

MEA: 411

- DEBRET, JEAN BAPTISTE
Chácara da Cabeça na Lagoa Rodrigo de Freitas
aquarela/papel - séc. XIX
0,163 x 0,251 mm
MEA: 424

- DEBRET, JEAN BAPTISTE
Morro de São Bento
aquarela/papel - séc. XIX - s/d
0,104 x 0,176 mm
MEA: 425

- DEBRET, JEAN BAPTISTE
Projeto de Arco Alegórico (À Feliz uniana o Commercio)
lápiz - séc. XIX - s/d
0,340 x 0,227 mm
MEA: 1717

- DEBRET, JEAN BAPTISTE
Fachada da Imperial Academia de Belas Artes
bico de pena/papel - séc. XIX - s/d
0,219 x 0,287 mm
MEA: 1736

- DEBRET, JEAN BAPTISTE
Estudo arquitetônico para a Imperial Academia de Belas Artes
bico de pena/papel - séc. XIX - s/d
0,232 x 0,285 mm
MEA: 1737

- DEBRET, JEAN BAPTISTE
Panorama da Baía de Guanabara tomado do Corcovado
lápiz/papel - séc. XIX - s/d
0,130 x 2,330 mm
MEA: 1738

- DEBRET, JEAN BAPTISTE
Planta baixa da casa de Debret no Catumbi
lápiz/papel - séc. XIX - s/d (1816)
0,161 x 0,107 mm
MEA: 1750

• WOOLSEY, MELANCTION BROOKS

Lagoa Rodrigo de Freitas
aquarela/papel - séc. XIX - s/d (c. 1850)
0,219 x 0,355 mm
MEA: 519

• SHNEICKER, JOH segundo Rugendas, JOHANN MORITZ

O Catete visto da pedreira
litografia colorida - séc. XIX - s/d
0,202 x 0,305 mm (suporte e campo impresso)
MEA: 3297

• DEBRET, JEAN BAPTISTE

Mon atelier de Catumbi à Rio de Janeiro
aquarela/papel - séc. XIX - s/d (1816)
0,078 x 0,108 mm
MEA: 17

Escola de Belas Artes - Acervo da UFRJ

• GRANDJEAN DE MONTIGNY

Academia Real de Belas Artes
traço e aguada de nanquim
600 x 330 mm
Tombo nº 2979

• GRANDJEAN DE MONTIGNY

Fachada principal da Praça do Comércio
pena e aguada de nanquim
405 x 783 mm
Tombo nº 2976

Museu da Cidade do Rio de Janeiro

- GRANDJEAN DE MONTIGNY
Vista do interior da Praça do Comércio - RJ
aquarela 1820
0,600 x 0,420 mm
P-157

Museu Nacional de Belas Artes

- GRANDJEAN DE MONTIGNY
Urbanização do Campo de Santana, 1827
traço e aguada de nanquim e aquarela s/ papel
454 x 588 mm
Tombo nº 8693
- GRANDJEAN DE MONTIGNY
Rua Imperial no Rio de Janeiro
lápis/papel
460 x 310 mm
Tombo nº 8689
- GRANDJEAN DE MONTIGNY
Risco da fachada para a Biblioteca Imperial
traço e aguada de nanquim s/papel
486 x 874 mm
Tombo nº 8881
- GRANDJEAN DE MONTIGNY
Projeto de Chafariz público para o largo de Benfica
bico de pena s/papel
436 x 304 mm
Tombo nº 8871
- GRANDJEAN DE MONTIGNY
Esquema hidráulico do Chafariz comemorativo de D. Tereza Cristina
bico de pena e aquarela s/papel
352 x 233 mm
Tombo nº 8744

• GRANDJEAN DE MONTIGNY

Projeto Chafariz da rua São Clemente
traço e aguada de nanquim s/papel
408 x 268 mm
Tombo nº 8686

• GRANDJEAN DE MONTIGNY

Projeto do Paço do Senado Imperial, 1848
bico de pena e aquarela s/papel
448 x 745 mm
Tombo nº 8643

• GRANDJEAN DE MONTIGNY

Corte longitudinal na sala de sessões ordinárias e solenes do Senado Imperial
- 1848
bico de pena e aquarela s/papel
448 x 745 mm
Tombo nº 8644

• GRANDJEAN DE MONTIGNY

Desenho da Bagatelle - Cassino da Westfalia
bico de pena e aquarela s/papel
470 x 366 mm
Tombo nº 8874

• GRANDJEAN DE MONTIGNY

Projeto para uma residência e jardim
bico de pena e aquarela s/papel
676 x 531 mm
Tombo nº 8647

• GRANDJEAN DE MONTIGNY

Planta baixa de uma casa para o rei de Kassel
bico de pena e aquarela s/papel
628 x 457 mm
Tombo nº 8645

• GRANDJEAN DE MONTIGNY

Residência de GrandJean de Montigny
lápis e bico de pena s/papel
300 x 387 mm
Tombo nº 8682

• GRANDJEAN DE MONTIGNY
Projeto para Leiteria
traço e aguada de nanquim e aquarela s/ papel
567 x 417 mm
Tombo nº 8652

• GRANDJEAN DE MONTIGNY
Projeto de uma casa com jardim
traço e aguada de nanquim e aquarela s/papel
860 x 624 mm
Tombo nº 8640

Biblioteca Nacional

• GRANDJEAN DE MONTIGNY
Planta, fachada corte de 1ª Bolsa do Rio de Janeiro depois da Alfândega,
Tribunal do Juri hoje Casa França-Brasil
traço e aguada de nanquim
535 x 348 mm
Tombo nº 325971

• PLANITZ, CARLOS ROBERTO
Panorama do Porto do Rio de Janeiro
litografia aquarela - 1840
Arm. 06, 03, 08 e 11

• BERTICHEN, PEDRO GODOFREDO
O Largo do Paço e o Mercado da Candelária
nº 3

- GRANDJEAN DE MONTIGNY

Des. D - Corte, segundo o eixo de simetria, do Palácio Imperial projetado em 1848

traço e aguada geral de nanquim, com realce de aquarela nos elementos decorativos.

270 x 899 mm

- GRANDJEAN DE MONTIGNY

Des. C - Fachada principal do Palácio Imperial (Projetado em 1848)

traço e aguada de nanquim

270 x 899 mm

As atividades do **Solar Grandjean de Montigny** são possibilitadas pelo apoio de:

ALLIANCE FRANÇAISE DO RIO DE JANEIRO
SERVIÇO CULTURAL DO CONSULADO GERAL DA FRANÇA
GENERALLI DO BRASIL CIA. NACIONAL DE SEGUROS
KLABIN IRMÃOS & CIA LTDA.
PAPÉIS PIRAHY - EMPRESA DO GRUPO SOUZA CRUZ
TANNURI & CIA LTDA.
TRANSPORTES FINK S.A.

Agradecimentos

Alcides da Rocha Miranda
Augusto da Silva Telles
Bertrand Rigot-Muller
Donato de Mello Junior
Giovanna Rosso Del Brenna
Hyacinthe de Montera
Mário Torres (+)
Michel Ménal
Pascal Monod
Silas Wenceslau

Coordenação Geral
Irma Arestizabal

Pesquisa
Margareth Pereira
Piedade Epstein Grinberg

Projeto Museográfico /Projeto Gráfico
Maria Cecília Miranda
Assistente
André de Freitas Ramos

Foto
José Goes
Romão da Silva Pereira

Museologia
Angela Maria Cunha da Motta Telles

Assessoria de Imprensa
Eloisa Lacerda Macedo Soares

Projeto Aprendendo com Arte
Maria Aparecida Mazza
Assistentes
Alexandre Augusto Ribeiro Wanderley
Danièle Lima Araújo
Fábio da Rocha Dias Campos
Flávia Vieira Fernandes
Lisiane Lima Ferreira
Luciana Perpétuo de Oliveira

Secretária
Rita de Cassia Vasconcelos Mattos
Assistente
Marinazia Cordeiro Pinto

Equipe de Apoio
Antonio Rubio Evaristo
Elcio Oliveira Fonseca
Helena de Souza Amarante

Este Catálogo
Foi Realizado
Graças ao Apoio
de

**PAPEL
RECICLADO
TANNURI**

Composição Gráfica
Depto Cultural
Aliança Francesa do Rio de Janeiro

Impressão
Colorgraf



maison de jardin

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

CENTRO CULTURAL SOLAR GRANDJEAN DE MONTIGNY

www.puc-rio.br/sobrepuc/depto/solar/index.html

O Solar é um prédio preservado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Possui acervo especializado que abrange as seguintes áreas: arquitetura e urbanismo; artes decorativas; desenho e gravura; design e desenho industrial; escultura; folclore e cultura popular; fotografia; história da arte; museologia; patrimônio cultural e pintura. Além de acervo de livros, catálogos de exposições nacionais e estrangeiras, periódicos, fotografias, cerâmicas, gravuras, esculturas, CD e DVD-ROMs; possui também arquivo exclusivo sobre o arquiteto Grandjean de Montigny, com documentos coletados a partir de 1980, contendo textos, iconografia, plantas e desenhos originais. O acervo, automatizado, permite ao usuário efetuar pesquisa externamente pela Internet, e localmente na base de dados.

A obra disponibilizada, *A morada carioca: Grandjean de Montigny e o Solar da Cávêa*, é um catálogo da exposição realizada no próprio Solar Grandjean de Montigny, na Cávêa, em 1992. Enfoca a atividade de Grandjean de Montigny e as modificações que a Missão Francesa introduziu na arquitetura das residências da época, em especial, a que o próprio arquiteto construiu para sua família, na Cávêa. O catálogo traz ilustrações da planta da casa, notas explicativas e localização dos documentos.

Rede de Bibliotecas e Centros de Informação em Arte no Estado do Rio de Janeiro (REDARTE/RJ)

www.redarte.org.br

A Rede de Bibliotecas e Centros de Informação em Arte no Estado do Rio de Janeiro (REDARTE) desenvolve, desde 1995, atividades e serviços objetivando promover o acesso e disseminação da informação em arte, divulgando as instituições integrantes, oferecendo serviços e produtos informacionais e promovendo intercâmbio de experiências entre profissionais.

Participam da Rede, entre outras instituições privadas e públicas totalizando 36 unidades de informação. As instituições são representadas na Rede por gestores dessas unidades, graduados em biblioteconomia e áreas afins.

Em 2006, a REDARTE estabeleceu como meta sua oficialização, visando aumentar o alcance dos trabalhos desenvolvidos e sua eficiência, beneficiando cada vez mais as instituições integrantes e seus usuários, através de realização de cursos, a criação de nosso site, além de outras atividades ligadas à área de artes.

BIBLIOTECA DIGITAL DA REDARTE

PUC - CENTRO CULTURAL SOLAR GRANDJEAN DE MONTIGNY

Tecnologia:





Ministério da Cultura



Biblioteca Digital da REDARTE

Tecnologia:

